



ULISSES E O TIMONEIRO

Wellington Amâncio da Silva¹

À noite do riso, a penumbra desce
É a vaga que traz a nau
E sabe o caminho até Ítaca.
Rumores, vozes abafadas e o remo
Algum vinho antigo
Ulisses acabara de sorver
O calor interior, ante o frio
Do infinito mar, é integridade
De poeta, de guerreiro, de sonhador.
O Timoneiro sustenta a flâmula
Na outra mão a lâmpada pende
Às lembranças de amigos que jazeram.
Ulisses, o que vale o navegar?
- talvez, apenas o Retorno.
E o que não vale?
- o chão, onde nenhum homem tombou
Essa terra virgem.

Do livro inédito "Ulisses". Lançado em 2015.

¹ Mestre em Ecologia Humana pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana no Campus VIII da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Especialista em Filosofia (UCAM). É membro dos Grupos de Pesquisa, "Ecologia Humana" (SABEH/CNPq) e "Socioeconomia do Desenvolvimento Sustentável" (UNEB/CNPq). Integra o Núcleo de Estudos em Comunidades, Povos Tradicionais e Ações Socioambientais do NECTAS (UNEB/CNPq). Membro fundador da editora Edições Parresia (AL). (Texto informado pelo autor)